

ROSALIA EM CURROS

AURORA MARCO
Universidade de Santiago

A figura matrizial de Rosalia deixou um calco de veneraçom e carinho em todos os escritores galegos do seu tempo, como tinha de ocorrer cos escritores que socederom aos seus contemporâneos. Curros, moi ligado persoalmente a Murguia por vínculos de admiraçom e de mútua estima, nom podía menos de mencionar à autora dos *Cantares* em diversas páginas da própria obra. Consagrou-lhe duas das suas melhores composições líricas e em *O divino sainete* rende-lhe tamém homenage.

Na obra periodística de Curros nom podía tampouco faltar a mençom de Rosalia, a quem sempre considerou como a grande mestra da Ressurgimento das Letras Galegas.

Por outra parte, na poesia de Curros, é notória a influéncia de Rosalia que, na sua faceta de poeta costumista ou folclórica, causou um grande impacto nos seus contemporâneos. A própria poesia costumista de Curros, está concebida dentro da escola dos *Cantares Gallegos*, o que é especialmente perceptível nas poesias apresentadas por Curros ao concurso ourensám de 1877. Mesmo “O gueiteiro” leva como lema uns versos de Rosalia, co que o poeta de *A Virxe do Cristal* se reconhece devedor da autora de “um repoludo gaiteiro”.

Nesta comunicaçom examinam-se esses dous aspectos da presença de Rosalia em Curros: as referéncias expressas e as influéncias literárias.

O professor Carvalho Calero na sua *História da literatura galega contemporânea* (1) ao referir-se às diferéncias de enfoque com que enxergam o Ressurgimento das Letras Galegas o autor de *O divino sainete* e dona Emília Pardo Bazám, salienta que, frente às reservas com que a ilustre autora de *De mi tierra* julga a obra de Rosalia, Curros Enríquez aceita todo ao longo da sua produçom, e expressamente testemunho em diversas occasions da sua vida, a devoçom perante o magistério rosaliano.

A propósito dista cita diversos lugares das Obras Completas do poeta de Celanova que nos podem servir de ponto de partida para um registo e umha catalogaçom das referéncias rosalianas em Curros (2).

A maior parte destas referéncias — e falamos das referéncias expressas nas que

(1) Ricardo Carballo Calero, *História da literatura galega contemporânea*, 3ª ed., Galaxia, Vigo, 1981, p. 381, nota 8.

(2) Em *id.* cita Carvalho as páginas das Obras Completas de Curros. Assi: I, 25, 71, 149, 276, 278; III, 236; IV, 280; V, 232, 237, 391.

Rosalía é mencionada polo seu propio nome— contemhem-se na obra poética do celanovés.

Nela algunhas citas contemhem elementos —se bem de tipo moi geral— para a caracterización da poesía rosaliana. Outros referem-se à recepçom polos contemporáneos e pola posteridade —sempre dentro do ámbito galego— da obra da nossa autora. Mesmo podemos acrescentar umha alusom de tipo biográfico. Afinal, hai que anotar umha cita literária, quer dizer, umha reproducçom de um texto rosaliano como lema de um texto de Curros.

Na totalidade das ocasións em que a figura de Rosalía aparece mencionada ou aludida nos versos de Curros, este transparenta nas suas palabras o respeito, a admiraçom e a devoçom a que antes fixemos referéncia.

Às veces a mesma falta de insisténcia na confissom de estima, de apreço, de reconhecemento da genialidade de Rosalía, é umha prova mais da actitude de discípulo frente a umha figura magistral e de reconhecemento de um galego da transcendéncia cultural da autora dos *Cantares* e as *Folhas*.

Nom podemos esperar, como já indicámos, que nos versos de Curros se formule umha crítica precisa que caracterice a obra de Rosalía.

No poema que abre o livro *Aires da miña terra* achamos a primeira invocaçom à poetisa cando Curros evoca a musa galega através de diversas concreçoms históricas:

Fecundo nume do úneco rei sabio
que no solio de España tivo asentó,
arpa imortal da doce Rosalía,
do infortunado Añón, himno postreiro (3).

No terceiro destes versos “arpa imortal da doce Rosalía” achemos dous adjectivos que, mália a sua vaguidade, supomhem umha certa caracterización da escritora: os adjectivos *doce* e *imortal*. O primeiro, ainda dentro da sua generalidade, tem um carácter descritivo e recolhe um aspecto da poesía rosaliana que é, à verdade, o mais óbvio entre os que as primeiras leituras da nossa autora reflexam. O outro adjectivo, *imortal*, é certamente valorativo mas nom contém nota algumha caracterizadora. Mais ben se refere à recepçom da obra de Rosalía à que apresenta como dotada de perenidade, de perdurabilidade, de pervivéncia, sem dúvida como consequéncia de umha alta qualidade que neste caso nom se descreve ou especifica.

Cando na composiçom dedicada ao traslado dos restos mortais de Rosalía coloca Curros umha estrela na frente da escritora

Do mar pola orela
miréina pasar,
na frente unha estrela,
no bico un cantar (4)

(3) Manuel Curros Enríquez, *Obras Completas*, recopilación, introducción y notas por Carlos Casares, Aguilar, Madrid, 1979, p. 7.

(4) *Id.*, p. 282.

está evidentemente ponderando simbolicamente a sua elevação como lírica. É, pois, umha nota valorativa, nom analítica, da qualidade da poetisa. “No bico un cantar” simplesmente caracteriza a Rosalia como poeta sem que neste caso haja umha ponderação expressa da sua altura como tampouco umha caracterização crítica da sua inspiração.

Valorativa, ponderativa é a afirmação que se contém em *O divino saine te* daqueles versos em que Rosalia é apresentada como prova do Ressurgimento de Galiza, de que Galiza esperta: “Eu sosteño, e traio probas / que Galicia esperta; dígao / a autora das Follas Novas” (5).

Nom deixa de ser notável que a maioria das referências a Rosalia que se contêm na poesia currosiana, mais que das características ou quilates da obra daquela, digam respeito ao que temos chamado recepção da sua obra. Neste caso umhas veces trata-se de admonições, exortações, conselhos que se dirigem a um ouvinte —que de umha maneira ou outra representa ao povo galego— para que receba co devido honor e interesse o legado rosaliano.

Assi em “O ciprianillo”:

Cando consultes Murguía,
Paz, Pondal, Añón e Lamas,
e no bico
as canciós de Rosalía
teñas sempre, que tanto amas,
¡serás rico! (6)

O campesino galego, o povo galego, deve abandonar a supersticiosa procura de tesouros materiais que “o ciprianillo” ilusoriamente lhe promete e familiarizar-se co tesouro da poesia rosaliana, amada intuitivamente polo labrego que nela se sente reflexado mas que deve expressamente assumi-la e recitá-la como corroborante jaculatória.

Em “A espiña” exorta aos seus compatriotas da Habana, organizados no Centro Galego, a freqüentar assim mesmo Rosalia, que deve ocupar um lugar preferente com outros escritores da terra —entre eles Murguía— na biblioteca daquela prestigiosa instituição:

Facei que cando visite
o salón da biblioteca
quen alí leva a alma seca
tope a fe que o resucite,
lendo ó sabio Rei, Macía,
Feixoo, Colmeiro, Pondal,
Pastor Díaz, a Areal,
Rosalía e máis Murguía (7).

Mas nesta série de referências à recepção da obra de Rosalia domina sobre todo

(5) *Id.*, p. 232.

(6) *Id.*, pp. 137-138.

(7) *Id.*, pp. 312-313.

a censura da ingratidão com que moitos dos coterráneos da escritora, a própria terra sua, enfim, que tanto lle deve, se teñem comportado, amostrando em vida da autora indiferença ou desprezo para logo de morta chorar lágrimas de crocodilo ou adoptar actitudes piadosas ou entonar panegíricos insinceros ou incongruentes.

Assi, em “O convento” Curros escribe:

A ciencia, á industria, ó arte,
podes tamén, si queres, dedicarte;
vivir do merodeo
do pensamento alleo
no cadro, na novela, na poesía;
faguerlle en vida ás nosas glorias guerra
e sólo cando está baixo da terra
acordarte da probe Rosalía... (8)

No canto III de *O divino sainete* tem um reflexo fortemente satírico a conduta de dona Emília Pardo Bazám tal como Curros a enxergava. A figura que nesse poema representa á Condessa aparece negando a valia de Rosalía à que considera umha poetisa que nom sabe senom laiar-se de um feito vulgar e a quem a própria autora de *Los pazos de Ulloa* impediu que em vida se coroasse; mas a quem com gosto lle “rezou pola alma”, o que deve entender-se como alusom ao discurso necrológico pronunciado pola famosa novelista no Circo de Artesaos de A Corunha e inserto posteriormente no libro *De mi tierra*, Curros carrega as tintas a propósito da hostilidade de Emília a Rosalía, incidindo nas mesmas posições que Murguía adopta nos seus artigos “Cuentas ajustadas medio cobradas” (9):

Eu sosteño, e traio probas,
que Galicia esperta; dígao
a autora de *Follas Novas*.
— ¡Valente choromiqueira!
Poetas dese feito
cómpranse a centos na feira.
Fai anos que un mala peza
quixo coroala en vida
i eu tiréillo da cabeza.
—Agora comprendo o gusto
con que lle rezou pola alma...
—Honrar ós mortos é xusto.
—Ese deber todos temos;
pero inda máis xusto hacho
que ós vivos non deshonremos.

(8) *Id.*, p. 131.

(9) Manuel Murguía, “Cuentas ajustadas medio cobradas”, *La Voz de Galicia*, 20 e 24 de outubro; 3 e 18 de novembro; 3, 15 e 27 de dezembro de 1896.

Mais, á ilustre padronesa
 deixando, pois hastra coido
 que de mentala lle pesa,
 diga e perdoe: ¿ises vates
 que mostran tantos alentos
 para os modernos combates;
 ises Novos e Labartas,
 ises Lagos, esas pelras
 que surxen á luz en sartas;
 esa xeneración nova
 de parleiros rousinoles...?
 —Cantan... como Xan da cova— (10).

Outros pasos nos que Curros insiste acerbamente no maltrato de que Rosalía é objecto som os seguintes: no mesmo canto III de *O divino sainete* presenta-se Rosalía como troceada e devorada polas fauces insaciáveis e sanguinárias da enveja:

I así, pra min estendendo
 anacos de seu almorzo,
 todos fóronme ofrecendo
 con crianza e fidalguía,
 talladas de Oxea, Vicetto,
 Lamas, Pondal, Rosalía (11).

O motivo reaparece nas dúas formosas composicións que Curros dedicou expressamente á autora das *Folhas* e os *Cantares*. Em “A Rosalía de Castro”, Rosalía vai, orelas do mar, abandonada de todos, acompañada só pola súa propia soledade:

E vína tan sola
 na noite sin fin,
 ¡que inda recéi pola probe da tola
 eu, que non teño quen rece por min! (12)

Ela, poeta nacional, cantora do seu povo, voz dos humildes, foi asanhadamente perseguida polos “lobos” —quer dizer polos envejosos, polos malévolos, polos incomprensivos— que a conduzirom á desgraza e á morte:

A musa dos pobos
 que vin pasar eu,
 comesta dos lobos,
 comesta se veu...
 Os ósos son dela
 que vades gardar,

(10) Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, pp. 232-233.

(11) *Id.*, p. 235.

(12) *Id.*, p. 282.

¡Ai, dos que levan na frente unha estrela!
 ¡Ai, dos que levan no bico un cantar! (13)

Ainda que, evidentemente, nestas últimas referencias hai alusions a circunstancias biográficas, incluimo-las na serie de textos relativos à recepçom da obra de Rosalia que é o seu motivo estruturante. A única referencia que podemos considerar pura —e neutra, ou seja falta de todo juízo de valor, meramente expressivo de um feito— de carácter biográfico, está, curiosamente, trabucada, en canto asigna a Rosalia um berce que nom é realmente o seu. Nos versos de *O divino sainete*, citados anteriormente, Rosalia é designada como “a ilustre padronesa”. Sabido é que Rosalia viveu e morreu dentro do município de Padrom mas naceu dentro do que hoje é município de Santiago de Compostela, ainda que, se hemos crer a Victoriano Taibo o solar da casa natal hoje desaparecida de Rosalia, estava encravado no que em 1837 era município de Conjo, actualmente anexado à cidade jacobea.

O segundo poema dedicado à nossa escritora, “Na tumba de Rosalía”, foi escrito por Curros para umha ofrenda floral que se levou a cabo no mausoleo de Santo Domingo o 24 de setembro de 1904. Nel o poeta manifesta o seu temor de ser injuriado num tempo em que as glórias som escarnecidas e maltratadas os que as honram. Mostra-se pesimista a respeito da perduraçom do culto da poetisa. Nem sequer está seguro de que o recinto onde mora Rosalia persista porque no futuro o espírito material pode fazer desaparecer todo:

Collidas a pedir de porta en porta
 (que non herdéi xardíns nin hortas teño)
 ¡sombra sin paz da nosa musa morta!
 aquí estas frores a traguerche veño.

I ó espaxelas sobre a pedra fría
 que un *Resurrexit* pra crebarse agarda,
 sinto cuase o temor que sentiría
 o ladrón que recea e se acobarda.

Como el, ao che deixar a miña ofrenda,
 a soledade en miña axuda chamo,
 que si el ten medo que a xustiza o prenda,
 temo eu que me marmuren os que amo.

Tanto do noso tempo a xente esquiva
 as patrias glorias burla i escarnece:
 ¡xeneración de mánceres cativa
 que hastra o pai que a enxendrara desconece!

Que hoxe é pecado lembrar fazañas
 porque impotentes pra as facer nacemos,
 e cecáis que gabar glorias estrañas
 nos console das propias que perdemos.

O valor, o carácter, as ideas,
falas, costumes... son *lendas douradas*.
¿De qué coor serán, ¡ai!, as alleas
que nos fan ler a couces e pancadas?

.....

Mais dorme, Rosalía, mentras tanto
nas almas míngo a fe i a duda medra.
¡Quén sabe si, deste recinto santo,
non quedará mañá pedra con pedra!

¡Quén sabe si esta tumba, nese día,
chegará a ser, tras bélicas empresas,
taboleiro de *yankee* mercería
ou pesebre de bestas xaponesas! (14)

Para terminar lembraremos que Rosalía é citada em cabeça do poema currosiano “O gueiteiro”. Os versos dela “sempre pola vila entraba / con aquel de señorío” servem de lema e com isso de reconhecimento de magistério ao poema de Curros.

Passando agora à prosa do celanóvès achamos um passo que é o mais objectivo, o mais preciso na caracterização crítica de Rosalía de Castro. Por suposto, como em todos os demais lugares, rende Curros, neste, culto ao “génio lírico” da nossa autora, o que pertence à esfera da valoraçom.

Ao falar de Filomena Dato Muruais, Curros fai umha comparançã da personalidade desta poetisa coa de Rosalía e assinala com bastante concreçom alguns traços constitutivos do lirismo dela. Estes traços podem agrupar-se em duas séries ou issotopias. Umha série regista rasgos que podemos considerar pertencentes à esfera do sentimento, como as ideias reinantes naquel tempo o entendiam numha escritora ou numha mulher. Som traços, pois, “femininos”, consoante a concepçom histórica da femineidade: ingenuidade, ternura, emotividade, tendéncia elegíaca. Trata-se da visom mais usual no tempo do génio rosaliano.

No entanto Curros anota outra série de traços que, em contraste cos anteriores, pertencem –segundo a concepçom ou os prejuízos da época– à esfera do “masculino”; traços que som preferentemente sublinhados numha etapa posterior à da crítica cronologicamente mais imediata à apariçom da obra de Rosalía. Traços que contrapesam, completam, limitam ou matizam os anteriormente indicados: amargura –que nom é o mesmo que tendéncia elegíaca senom que opom às bágoas consoladoras a lúcida reflexom pesimista–, virilidade –que nom significa negaçom da condiçom feminina senom força e energia humanas– e tom ameaçador –quer dizer, valerosa repulsa da injustiça, reivindicaçom esforçada do direito, declaraçom de guerra ao injusto:

“De familia en que parece haberse vinculado el talento, Filomena Dato es una de las más inmediatas sucesoras de Rosalía de Castro.

Menos amarga que su inmortal predecesora, porque también ha vivido y sufrido menos, Filomena tiene su misma ingenuidad, su misma ternura, su arte

(14) *Id.*, pp. 320-321.

incomparable para herir las cuerdas sensibles del corazón de su pueblo y traducir, tal vez con queja demasiado femenina, en lo cual sí que se distancia mucho del modelo, en que esa queja es casi siempre viril y amenazadora, los dolores seculares de nuestra infortunada raza" (15).

Corresponde-nos agora, para terminar, referir-nos brevemente às influências directas que a obra de Rosalía exerceu sobre a obra de Curros. Ainda que o celanovés tratou em ocasiões temas relativos aos problemas religiosos ou "metafísicos", é fundamentalmente um poeta cívico e social. A Rosalía das *Folhas*, tam angustiada polos enigmas da vida e da morte, nom tem realmente parangom em Curros, de formaçom positivista e de preocupaçoms em geral projectadas sobre os problemas do mundo e nom sobre os problemas do trasmundo. Curros nom tem, desde logo, a importância de Rosalía como poeta interessado polas realidades suprasensoriais, assi que nom podemos dizer que haja em Curros umha influéncia de conjunto de *Follas Novas*, nom já na temática mas tampouco no estilo nem na métrica.

Curros, versificador moi hábil, talvez mais hábil que Rosalía, permanece dentro das formas métricas tradicionais e nom secunda a obra de renovaçom rosaliana.

Mas Curros Enríquez nom podia estar inteiramente fóra da corrente costumista na que Rosalía, ainda que com grande originalidade tamém, se inseriu numha parte da sua produçom. Para o leitor mais superficial da poesia galega, esta em tempos de Curros continuava a ser umha poesia de tema rural e de execuçom realista. Poucos poetas do tempo deixaram de render tributo a esta concepçom típica do primeiro ressurgimento das letras galegas. Em Curros hai um poeta mais ou menos essencial —dentro do complexo da personalidade do autor de *Aires da miña terra*— que cultivava a poesia costumista e, por certo, logrando peças de acabada execuçom, perfeito domínio da forma lingüística e da forma métrica e —o que em Curros dista de ser frequente— de moi acertado manejo dos recursos humorísticos utilizados com grande sentido do equilíbrio, de jeito que, o mesmo que em Rosalía, os traços cómicos e realistas vam combinados cumha presença segura do bom gosto e o decoro estético. Nom cabe dúvida que nesta matéria, Curros é discípulo directo de Rosalía de Castro, ao que deve referir-se José Luís Varela candi di: "Tengo para mi que en su desconcierto se agarró como un náufrago a los *Cantares Gallegos* de Rosalía: recuérdese su "O gueiteiro" y el costumbrismo folklorista de "Unha boda en Einibó" (16). Efectivamente, nos tres excelentes poemas apresentados ao certame de 1877 brilha umha alegria, manifesta-se umha vivacidade que som mais rosalianas que currosianas, ainda que em Curros están realmente assumidas com plena assimilaçom. Se *A Virxe do Cristal* na sua estrutura é umha lenda de Zorrilha (17) e se afasta um tanto, polo mesmo, do tipo de poesia popular cultivada ordinariamente por Rosalía, os elementos de colorido e simpatia afectiva com que se nos apresentam as personagens de moralidade positiva,

(15) "Filomena Dato Muruais" em *id.*, p. 1087.

(16) José Luís Varela, *Poesía y restauración cultural de Galicia en el siglo XIX*, Gredos, Madrid, 1958, p. 266.

(17) Ricardo Carballo Calero, *op. cit.*, p. 372.

especialmente *Rosinha*, som particularidades que aproximam moito a musa de Curros à musa dos *Cantares Gallegos*.

En canto a “Unha boda en Einibó” e “O gaitreiro” som franca e decididamente exercícos poéticos à maneira de Rosalia, dentro da escola de Rosalia, realizados, conseguidos, logrados por um brilhante discípulo da autora dos *Cantares*. A temática popular e rural, o brio da versificação, a naturalidade da language apontam imediata-mente a esse modelo. “O gaitreiro de Penalta” mesmo leva, como já indicámos em qualidade de lema, uns versos tomados de “O gaitreiro” de Rosalia, que som umha confissom de inspiraçon rosaliana.

Se comparamos estes dous magníficos textos podemos registrar o feito de que o de Rosalia é um quadro à maneira das pinturas de temática rural dos pintores flamengos do século XVI —ou de pintores contemporâneos como Dionísio Fierros— no que toda a carga da realizaçon se projecta sobre a veracidade e elegância natural dos perfis da figura que se plasma, mentres que em Curros surge já umha nota de preocupaçon social ao mencionar-se a lacra da emigraçon que se crava como um punhal no peito de Galiza (18). Unanuno, no seu papel de crítico dos movimentos periféricos de reivindicaçon colectiva, censurava este introducir-se no quadro costumista de um elemento de propaganda ideológica que considerava infundada ou desmesurada.

Mas procede lembrar que se “o gaitreiro” de Rosalia é um retrato sem transfon- do social combatido evidente, em múltiples occasions a nossa escritora cultiva a temá- tica social e o último “livro” de *Follas Novas*, intitulado “As viudas dos vivos e as viu- das dos mortos” está consagrado, precisamente, a dar umha versom certamente poéti- ca, mas profundamente combativa e comprometida, da emigraçon. Rosalia nom é menos que Curros poeta interessado polos problemas gerais da sua terra e da sua gente. E simplesmente poeta de mais amplitude temática e de mais profundidade filosófica —sem nengumha pretensom de pedantesca sistematizaçon ideológica— que Curros.

A análise estilística confirma, de jeito evidente, o rosalianismo destes poemas de Curros. Rosalia, como sabemos, inspirando-se em Dom António de Trueba, refor- çado pola mesma poesia popular galega em que Rosalia vivia imersa pola sua educaçon infantil, utiliza a cada momento nos seus versos figuras de dicçon por repetiçon, es- pecialmente a anáfora, a concatenaçon, a epífora. Pensemos, por exemplo, no poema número tres de *Cantares*:

Dios bendiga todo, nena;
rapaza, Dios te bendiga,
xa que te dou tan grasiosa,
xa que te dou tan feitiña
que, anque andiven moitas terras,
que, anque andiven moitas vilas,
coma ti non vin ningunha
tan redonda e tan bonita.

(18) “I era verdá. ¡Malpocada! / Contra on penedo amarrada, / cravado un puñal no seo, / naquela gaita lembrada / Galicia era un Prometeo” (Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, p. 59).

¡Ben haia quen te pariu!
 ¡Ben haia, amén, quen te cría! (19)

Ou os versos do poema número seis do mesmo libro:

¡Cántos dengues encarnados!
 ¡Cántas sintas amarelas!
 ¡Cántas cofias pranchadiñas
 dende lonxe relumbrean
 cal si fosen neve pura,
 cal froles de primadera!
 ¡Cánta maxesa nos homes!
 ¡Cánta brancura nas nenas! (20)

Esta mesma orientación estilística acha-se nos versos de Curros:

¡Qué calados na camisa!
 ¡Qué zapatos de mallós!
 ¡Qué cutín o da chaqueta!
 ¡Qué rizo o do pantalón!
 ¡Qué ben lle dí a escarapela
 que cusida cun liño!
 leva a un lado do chapeio
 desque das quintas librou! (21)

E mais adiante:

¡Cómo el torce aquelas pernas!
 ¡Cómo ela estroza o mandil!
 ¡Cómo recolle el a faixa!
 ¡Cómo ela move os cadrís! (22)

Tamém o poema “A gaita gallega”, melhor dito a “tençom” sobre a gaita entre Ruiz de Aguilera e Rosalía (“que a gaita gallega / non canta, que chora”) deixou a súa pegada no poema de Curros “O gueiteiro”:

Nunca se pudo avriguar,
 véndolla repincar,
 por qué, o son da gaita ouíndo,
 cantos bailaban sorrindo,
 acababan por chorar (23).

E com isto damos fim a esta comunicación sobre as pegadas de Rosalía em Curros.

(19) Rosalía de Castro, *Poesías, Cantares Gallegos, Follas Novas, En las orillas del Sar*, ao coidado de Ricardo Carballo Calero e Lydia Fontoira Suris, 3ª ed., Edicións do Patronato Rosalía de Castro, Vigo, 1982, p. 28.

(20) *Id.*, p. 41.

(21) Manuel Curros Enríquez, *op. cit.*, pp. 50-51.

(22) *Id.*, pp. 54-55.

(23) *Id.*, p. 58.